

A FILOSOFIA NA FORMÇÃO DA CIDADANIA

Alessandro César Bigheto

Aimar Martins Lopes *

1. Os equívocos em se desprezar a filosofia na formação humana.

O objetivo desse artigo é circunscrito. Pretende-se discutir alguns aspectos da importância da filosofia na formação do cidadão. O intento é discorrer sobre o assunto sob a perspectiva de alguém que está trabalhando com essa disciplina no dia-a-dia da sala de aula. O ensino da filosofia no Brasil, ao longo do tempo, seja nas escolas ou na academia, desenvolveu-se gradativamente, passando por diversas crises, avanços, insucessos e sucessos. A primeira imagem que vem a cabeça de muitas pessoas quando se fala em filosofia ou filósofo é de alguém com a cabeça nas nuvens, pensando em coisas inúteis ou sem sentido, distante da realidade em que vive. Em nossa sociedade, muitas vezes, a visão que se tem da filosofia ou do filósofo é de inutilidade. Geralmente, pensa-se no filósofo como um sujeito incapaz de lidar com algo prático da vida, alguém que consegue explicar situações complexas, mas vive atrapalhado com as coisas cotidianas.

A análise da importância do ensino da filosofia nos remete a uma denominação da filosofia como “a mãe de todas as ciências”, como tem sido vista desde a antiguidade. Considerando esse significado, é pertinente mencionar que a filosofia é a base de todo o conhecimento científico. Nesse caso, não seria nenhuma pretensão descabida afirmar que qualquer formação de cunho científico exigiria uma base filosófica. Isso por uma razão muito simples: a filosofia leva o homem a refletir, analisar, investigar, fundamentar... e não há conhecimento que prescindia disso. Apesar disso, há um conceito equivocado que infelizmente, povoa a mente de muitas pessoas em nosso país. Tal crença é de que a filosofia é um saber inútil. No século XXI, costumou-se pensar que para alguma coisa ter utilidade, precisa produzir algum benefício material para a vida humana. Pensa-se com uma cabeça pragmática formada pela sociedade capitalista que está sempre querendo resultados numéricos, monetários e quantitativos. Em geral, acredita-se que a conhecimento ajuda apenas a satisfazer as necessidades concretas dos seres humanos. Em todas as épocas da humanidade, a filosofia foi vista como

* Professor e coordenador do curso de Administração do Centro Universitário Padre Anchieta

conhecimento fundamental e os filósofos tiveram um papel decisivo na vida pública: na educação das pessoas, no cenário político, no conselho da vida comunitário, nas orientações éticas. Nos últimos cento e cinquenta anos, a ciência tecnicista foi ocupando esse espaço da filosofia, ao menos em parte. O século XIX foi decisivo nesse sentido, pois a mentalidade positivista defendida por Auguste Comte saiu-se vitoriosa ao afirmar que o conhecimento técnico-científico era o conhecimento por excelência, com o aperfeiçoamento todos os problemas humanos seriam resolvidos. O ser humano passa a ser compreendido apenas pela ciência de um tipo tecnicista pragmática, sendo que a filosofia reflexiva e contemplativa é deixada de lado. A base do conhecimento tornam-se as descobertas e conquistas de tal ciência. O ensino da filosofia conseqüentemente, perdeu muito espaço.

Infelizmente, herdou-se muito desse tipo de pensamento. O ser humano de hoje, corre o risco de sofrer com um tipo de ciência reducionista, que entende que as conquistas humanas que valem a pena são a do cientificismo técnico quantitativo. Nesse caso, o sentido da ciência é reduzido, quase que integralmente ao que tem utilidade prática. Deve-se pensar que esse tipo de ciência tem severas limitações e é perigosa. As mentalidades mais arejadas não questionam que uma ciência pragmática de um tipo tecnicista, sem consciência e valores, dificilmente se sustenta. Vários pensadores do século XX, viram isso, Gaston Bachelard, alerta que as ciências não resolveriam todas as necessidades humanas e que a filosofia atende a uma profunda carência do ser, que é carência de sentido, de explicação dos primeiros e últimos porquês. Bachelard ainda afirmou que qualquer conhecimento científico tem por fundamento último a filosofia. Há um ensinamento muito profundo nisso: não é possível pensar a ciência desconectada da filosofia. Continuando na mesma linha de raciocínio de Bachelard, mas desenvolvendo um pensamento próprio, o pensar filosófico permite a formação de um espírito crítico, a apropriação de faculdades de comunicação e argumentação e a aquisição de modos de interpretação da realidade, que são fundamentais para que as novas gerações possam se apropriar dos saberes científicos, desenvolver plenamente sua humanidade e sua cidadania.

A experiência tem mostrado que a filosofia contribui de forma decisiva na formação humana. Não reconhecer isso seria um absurdo. Felizmente, nos últimos anos, ocorre um debate na sociedade brasileira, sobretudo nos meios intelectuais, referente à importância da filosofia na formação acadêmica do jovem brasileiro.

Pode-se dizer que no Brasil algumas questões contribuíram para essa imagem: 1) A primeira dificuldade é que temos pouca tradição filosófica no Brasil. Em nossa história, quase não tivemos filósofos e principalmente originalidade na filosofia; 2) Outra questão é que a palavra filosofia na língua portuguesa tem sentido amplo e impreciso. Por exemplo, é comum ouvir-se dizer, *cada pessoa tem a sua filosofia de vida, o técnico de vôlei tem a sua filosofia, a filosofia de trabalho de fulano*. Nesse caso, a palavra filosofia se refere a uma perspectiva geral de vida ou de trabalho, aparece num sentido de vaga ideia das coisas. 3) Quando a Ditadura militar estava no auge no Brasil, e estava em vigor o Ato Institucional nº 5 (1968), sob o governo do General Garrastazu Médici, era proibido pensar. Naturalmente, num regime desses, a filosofia era muito mal vista, porque era uma porta de crítica e reflexão, de pensamento autônomo e plural. Foi justamente durante esse governo que a filosofia foi retirada da escola brasileira. A lei 5.692 de 1971 aboliu a disciplina *filosofia* na educação do Brasil. Apenas em 1982, ela entrou de novo no currículo, mas como matéria optativa, que as escolas poderiam oferecer ou não. Já que em nossas escolas, pouco se estuda a filosofia, o assunto nos parece distante. 4) A desvalorização, no entanto, não acontece apenas em regimes políticos autoritários. A sociedade capitalista atual também menospreza a filosofia e com isso ela não ganha lugar de relevo na escola. Isso porque na escola de hoje, o que mais se valoriza é o preparo do indivíduo para o mercado de trabalho, quase sempre sem nenhuma preocupação com seu espírito crítico, com sua capacidade de pensar e com sua realização pessoal. Ora, a filosofia pode ser um bom instrumento crítico contra essa anulação do sujeito perante a sociedade de consumo.

Exatamente por essas razões, é fundamental que os alunos brasileiros, seja do ensino médio ou seja da academia, independente de sua formação, aprendam o conteúdo da filosofia. A filosofia, nesse sentido, é uma base do exercício da cidadania. Recuperar Platão nessa discussão é interessante. O discípulo de Sócrates, em seu livro a *República*, defendia que a filosofia tem um papel essencial na formação do cidadão entre outras, porque ela pode contribuir significativamente para formar uma mentalidade mais questionadora, crítica e participativa do ponto de vista social e político das pessoas. Essa formação é o ponto central na formação da cidadania de um ser humano. Para o filósofo grego, a filosofia não era algo apenas teórico, mas era um modo de estar no mundo, uma maneira de pensar a vida, uma atitude intelectual e existencial. Aliás, pode-se afirmar que a ausência ou mesmo a desvalorização da filosofia na escola brasileira

durante toda a nossa história podem ter contribuído significativamente para uma postura pouco questionadora e crítica do povo brasileiro, sobretudo nas últimas décadas.

Geralmente, é dito aos alunos em sala de aula, que a visão de que a filosofia é um saber inútil, é um verdadeiro crime do ponto de vista cultural e cidadam, porque uma sociedade que considera que para algo ter utilidade, precisa produzir algum benefício material, desconsidera a profundidade da vida humana. Cada vez mais vê-se uma tendência em se reconhecer a importância da filosofia na formação dos alunos que estão nas escolas e nas faculdades brasileiras. A formação de um administrador, de um contador, de um economista, de um pedagogo, de um engenheiro, por exemplo, não envolve apenas saberes específicos de suas áreas, mas é fundamental que tenham formação crítica, reflexiva, humanística e é certo que a formação filosófica contribui de forma decisiva para essa formação. Qualquer tipo de formação profissional específica, dada pelo ensino superior, ganha muito maior consistência e significado se o sujeito tem referências da tradição filosófica e, ao mesmo tempo, aprendeu a construir a própria visão da realidade com autonomia e consciência. Isso porque precisa aprender a participar como cidadão consciente. Também a relação consigo, com o outro, a inserção existencial no mundo alcança mais maturidade, se forem perpassadas pelo hábito da reflexão filosófica. Como nos informa Bochenski:

A Filosofia é a ciência dos fundamentos da realidade. Lá onde as outras ciências param, onde, sem mais indagar, aceitam os pressupostos, aí entra o filósofo e começa a investigar. As ciências conhecem – mas o filósofo pergunta o que é o conhecimento; as outras ciências estabelecem leis – ela põe a questão do que seja uma lei; o homem comum e o político falam do fim e da utilidade – o filósofo pergunta o que se deve entender por fim e utilidade. Já se vê que a filosofia é uma ciência radical, no sentido em que ela vai às raízes das questões muito mais profundamente que qualquer outra ciência; lá onde as outras se dão por satisfeitas, ela continua a indagar e a perscrutar. (BOCHENSKI, 1977, p. 29 e 30)

Pode-se nos indagar o seguinte, mas afinal por que não formar nossos alunos para que sejam apenas de executores de funções e técnicos? Por uma razão muito simples, as conseqüências da ação desse sujeito quando se tornar um profissional escaparão dos limites restritos do campo de atuação, terão efeitos profundos na sociedade e na realidade em que está inserido. O profissional não é uma ilha isolada no mundo, sua ação está ligada a uma rede de interrelações inseparáveis, isso porque esta interligada com as pessoas sociedade e com o meio ambiente, não existe atuação de qualquer

profissional que não tenha implicações profundas com a vida. Há necessariamente, uma profunda dimensão humana, social e ambiental nos seres humanos que atuam profissionalmente. Se isso for desprezado corre-se sérios riscos humanos e ambientais. Nesse sentido, a formação universitária não pode se esquivar de contribuir para que os profissionais que ela forma tenham compromisso com outros seres humanos e com o planeta Terra. Portanto, qualquer formação deve partir do pressuposto de que é essencial formar para o dever com a responsabilidade e com valores e virtudes essenciais para a vida social, para o respeito com a nossa morada comum: o planeta Terra e, conseqüentemente, para a nossa realização como seres humanos.

Assim, a formação profissional não supõe uma formação apenas teórico-prático, mas é fundamental o dever com o ecossistema, com a sociedade e com os seus semelhantes. A conduta do profissional deve ter obrigações e responsabilidades com a verdadeira cidadania. Atualmente, é possível observar uma preocupação constante de se praticar o respeito ao outro a fim de garantir-se o futuro. O conhecimento filosófico deve proporcionar aos alunos uma dimensão da sua responsabilidade diante de um projeto global de respeito à vida, de preservação da integridade da natureza e do futuro do ser humano. Como diz o pensador Paul Ricoeur: “*A responsabilidade, na idade tecnológica, estendendo-se tão longe quanto o fazem nossos poderes no espaço e no tempo, e nas profundezas da vida(...)*” (RICOEUR, 1983, p.283)

A nossa sociedade capitalista está sempre querendo resultados numéricos, monetários, quantitativos. Por essa mentalidade que impera na sociedade contemporânea, costuma-se atribuir um papel preponderante à ciência e à tecnologia, na formação dos cidadãos, uma vez que essas atendem às necessidades concretas dos seres humanos. Porém, as necessidades humanas não são apenas materiais e a filosofia atende a uma profunda carência do ser, que é carência de sentido, de explicação dos primeiros e últimos porquês. O filósofo Karl Jaspers, em seu livro *Introdução ao pensamento filosófico* afirma:

O objetivo do pensar filosófico é levar a uma forma de pensamento capaz de iluminar-nos interiormente e de iluminar o caminho diante de nós, permitindo-nos apreender o fundamento onde encontraremos significado e orientação. (...) A filosofia é universal. Nada existe que a ela não diga respeito. Quem se dedica à filosofia interessa-se por tudo. Mas não há homem que possa tudo conhecer. Que distingue a vã pretensão de tudo saber do propósito filosófico de apreender o todo? O saber é infinito e difuso; dele se valendo, procura a filosofia aquele centro a que fazíamos referência. O simples saber é uma

acumulação, a filosofia é uma unidade. O saber é racional e igualmente acessível a qualquer inteligência. A filosofia é o modo de que pensamento que termina por constituir a essência mesma de um ser humano. (JASPERS, 1980, p. 11 e 13)

A filosofia contribui em viver uma vida pensada, com exercício da cidadania crítica e engajada. Ela nos ajuda a pensar de maneira rigorosa sobre vários assuntos. Os métodos do pensamento filosófico podem nos servir em variadas situações, uma vez que nos ensinam a avaliar argumentos a favor e contra qualquer posição. A filosofia nos ajuda a desenvolver capacidades que podem ser utilizadas em diversas áreas da vida. Muitas pessoas estudam filosofia e podem usar o que aprenderam e desenvolveram em profissões, em que é preciso poder de análise, capacidade de julgamento e argumentação.

Assim, resumindo, o pensamento filosófico se estrutura como um pensamento rigorosamente investigativo, pois traz na sua essência uma atitude radical de reflexão, de exame de compreensão do conhecimento, dos sentimentos e dos pensamentos. A filosofia indaga, quer saber de forma profunda o que são as coisas, interroga as estrutura e as relações do que se quer descobrir, a causa e a finalidade de tudo. A atitude filosófica não se contenta com explicações simplistas e superficiais. O filósofo procura a lógica e a coerência das coisas, recusa-se a trabalhar com ideias ou hipóteses sem fundamentos racionais, tudo deve ser demonstrado e validado. É por isso que tem-se que usar a filosofia como um poderoso instrumento da formação do cidadão. Nesse caso, o estudo da filosofia e dos filósofos é essencial.

Aqui cabe uma importante reflexão: o projeto visa a trabalhar o conteúdo filosófico na formação cidadã dos alunos, deve escapar dos dogmatismos das posições filosóficas prontas e acabadas, as posições filosóficas não podem ser como “últimas palavras” sobre o assunto. Recorremos ao conselho do filósofo alemão Kant:

o autor filosófico em que se baseamos no ensino, deve ser considerado, não como o modelo do juiz, mas apenas como ensejo de julgarmos nós próprios sobre ele e até mesmo contra ele; e o método de refletir e concluir por conta própria é aquilo cujo o domínio o aprendiz está a rigor buscando, o qual também é o único que lhe pode ser útil, de tal sorte que os discernimentos decididos, que por ventura se tenham obtido, ao mesmo tempo têm que ser considerado como consequência contingentes dele, consequências estas para cuja plena a abundância ele só tem de plantar, em si mesmo, a raiz fecunda (KANT, 1992, p.173)

Nesse caso, o conteúdo de filosofia deve possibilitar que o aluno exerça a capacidade crítica, investigativa, reflexiva e aprenda a elaborar minimamente um pensamento autônomo e a capacidade de formular questões. Kant afirma que não é apenas importante aprender a filosofia, mas também se apropriar do ato de filosofar, é nesse sentido que se deve ensinar filosofia objetivando a cidadania. O filósofo alemão, diz que é necessário se trabalhar para que o aluno investigue, em vez de só lhe oferecer conteúdos prontos e acabados, o aluno não pode se tornar, “*portador de uma ciência de empréstimo, que nele estará, por assim dizer, apenas grudada e não desenvolvida, ao passo que suas aptidões mentais permanecerão tão estéreis como dantes...*” (KANT, 1992:173). A orientação pedagógica de tal projeto não deve lançar o aluno numa esfera distante, pois que, “*o filósofo não se afasta de modo algum da realidade cotidiana, mas sim das interpretações e valorações cotidianas do mundo(...)*” (LAUAND, 1988:68).

Desse modo, o conteúdo de filósofo: 1) Entender que o ser humano necessita ter crenças que orientem sua ação e tomada de decisões, fundamentando seu conhecimento; 2) Despertar o espírito crítico-filosófico, estimulando o debate e o raciocínio; 3) Aumentar o horizonte cultural dos alunos; 3) trazer elementos artísticos, como ganchos culturais e também como estímulo à produção dos alunos; 4) Conhecer e compreender algumas características do pensamento filosófico. Assim como o papel desempenhado na cultura ocidental. 5) Adotar uma postura de compreensão e de crítica. E das diversas formas que o homem criou e cria para enfrentar os problemas colocados pela realidade. 6) Adotar uma atitude de valorização do pensamento racional, vontade de investigar e comportamento crítico.

Desse modo, o ensino de filosofia é essencial para a cidadania. O pensador Karl Marx escreveu em suas famosas *Teses sobre Feuerbach*, que os filósofos tinham passado muito tempo interpretando e estudando e o mundo sem procurar transformá-lo. Podemos dizer que o papel do filósofo ou do cidadão formado pela filosofia é o de assumir a sua responsabilidade em relação à coletividade e trabalhar por um mundo melhor. Exercer a crítica, a capacidade de pensar e refletir não para ficar tranquilo sentado em casa, mas dar uma contribuição por uma sociedade melhor, mais justa.

Alguns pensadores no século XX, secundando a crítica de Marx, principalmente a após a segunda Guerra mundial, reprovaram os muitos intelectuais que se limitavam a pensar e analisar sem agir e sem assumir responsabilidades de atuar no mundo. O filósofo Francês, Jean Paul Sartre, pode ser citado como um exemplo de pensador que exerceu esse tipo de crítica. Para ele, o ser humano deve assumir suas responsabilidades

e adotar um determinado tipo de conduta real. A responsabilidade é a base da moralidade para Sartre. O filósofo francês fez parte de várias ações sociais, foi um crítico mordaz do sistema capitalista e atuou politicamente no sentido de transformá-lo. Participou de movimentos em prol da causa dos trabalhadores, das mulheres, dos oprimidos etc.

Outro filósofo do século XX, Bertrand Russel, defendeu que toda a moralidade deve estar ligada ao mundo real. Assim como Sartre, ele foi um crítico do sistema capitalista e também dos sistemas totalitários. Dedicou-se incansavelmente a causas sociais, ecológicas e pacifistas. Russel dedicou a vida à construção de um mundo em que a crueldade desse lugar a relações de afeto e altruísmo. No Brasil também houve intelectuais que dedicaram a vida a causas humanitárias. Pode-se citar a figura extraordinária de Herbert de Souza, conhecido como Betinho. Sociólogo que escreveu muitos livros, mas acima de tudo se dedicou a diminuir o sofrimento das pessoas. Trabalhou para construir uma sociedade com menos pobreza, para minimizar a exploração de um ser humano pelo outro, para erradicar a violência e o analfabetismo, para moralizar a política, e pelos direitos humanos. Esse é o papel do cidadão.

2. Conclusão

O intento de deflagrar um processo filosofante, porém, se faz ainda mais problemático, diríamos quase dramático, quando consideramos que o nosso público é de adolescentes e jovens, que estão imersos numa cultura de massa, bombardeados por imagens, que engolem apressados, sem nenhuma reflexão. A nossa sociedade rápida, descartável, consumista, não propicia a concentração mental necessária ao ato filosófico. Então, como vencer esse abismo e fazer o jovem leitor se interessar pela filosofia? Que ela não seja apenas letra morta, mas tenha significado existencial e suscite questionamentos em relação a essa própria sociedade, desinteressada em refletir sobre si mesma?

Consideramos que a primeira resposta está na própria Filosofia – quando a tratamos como um modo de questionar a existência do homem, enraizado na realidade; quando superamos a visão de descrição fria e monótona de sistemas filosóficos difíceis, que não dialogam com as pessoas comuns. A Filosofia nasce sempre de questões radicais, que dizem respeito a humanidade enquanto humanidade e ninguém deveria se sentir excluído da capacidade de filosofar. Assim, tratá-la em conexão com seus

contextos históricos e ao mesmo tempo com a atemporalidade de seus temas, sempre pertinentes ao ser humano – é uma forma de aproximá-la das pessoas. Mostrar, sobretudo ao adolescente e ao jovem, que a filosofia tem perguntas e procura respostas a respeito de problemas e condições que estão sempre atuais e que lhes tocam de perto.

Obviamente que trazer a Filosofia para a vida pessoal de cada um e para a vida social do momento presente, não significa ignorar o que a tradição filosófica criou no decorrer dos milênios. Porque justamente o que nos é fornecido pelos filósofos é o instrumental para realizarmos um filosofar atual, mas consistente.

Desse modo, o verdadeiro papel da filosofia é ajudar a contribuir com o cidadão e, nesse sentido, ela tem um papel único. Deve ser incluída em todo programa educacional, seja ele do ensino médio ou superior. Contudo, O ensino da filosofia não pode ser morto, inerte, desconectado da vida, seja acadêmica, profissional ou pessoal. A participação do cidadão como agente ativo e engajado politicamente, não considera a filosofia uma coleção de sistemas sem vida, sem sentido existencial, sem outro propósito que o de propor respostas prontas. A filosofia é capaz de formar um cidadão com uma postura filosófica. Isto se traduz numa atitude indagadora, investigativa, inquieta, nunca passiva ou conformista, diante de respostas prontas e das realidades estabelecidas.

Referências Bibliográficas

ABBAGNANO, Nicola. **História da Filosofia**. Vol. I. Lisboa: Editorial Presença, 1981.

BLACKBURN, Simon. **Dicionário Oxford de filosofia**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1997.

BOCHENSKI, J. M. **Diretrizes do Pensamento filosófico**. São Paulo, EPU, 1977.

BODEI, Remo. **A filosofia do século XX**. Bauru, Edusc, 2000.

CHAUI, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo, Editora Ática, 2003.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

JASPERS, Karl. **Introdução ao pensamento filosófico**. São Paulo: Editora Cultrix, 1980.

KANT, Emmanuel. **Fundamentos da Metafísica dos Costumes**. Rio de Janeiro, Ediouro, 2001.

PLATÃO. **A República**, São Paulo, Difel, 1973.

REALE, Miguel. **Introdução à Filosofia**, São Paulo: Saraiva, 1989

RICOEUR, P. **Lectures I**, Paris: Le Seuil, 1983.

RUSSEL, Bertrand. **História do pensamento Ocidental**. Rio de Janeiro, Ediouro, 2004.